

O efeito da tutoria de colegas sobre o desempenho de alunos com deficiência em classes inclusivas

Tatiani dos Santos*
Enicéia Gonçalves Mendes**

Resumo

Este estudo objetivou investigar o procedimento de tutoria de colegas sobre o desempenho acadêmico de alunos com deficiência mental em classes comuns de pré-escolas. Participaram do estudo duas crianças com deficiência mental e doze com desenvolvimento típico como tutores. A tarefa ensinada foi o reconhecimento e a nomeação de vogais do alfabeto, através de atividades lúdicas (Bingo de Letras e o Dominó de Letras e Figuras), sendo que na condição sem tutoria a tarefa era individualizada e na tutoria, as crianças faziam duplas. Os resultados apontam que a tutoria pode ser efetiva na melhora do desempenho acadêmico, embora isso não se aplique a todas as crianças, pois outras variáveis parecem influenciar na aprendizagem, e o tema merece mais investigação.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Tutoria de colegas e desempenho acadêmico.

The effect of peer tutoring about performance of students with disabilities in inclusive classroom

Abstract

This study aimed at to investigate of the procedure of peer tutoring on the academic performance of pupils with intellectual disability in common classrooms of Early Education schools. Participate on the study two children with intellectual disability and twelve typical developmental as tutorial. The taught task was the recognition and the nomination of vowels of the alphabet, through playful activities, being that in the condition without peer tutoring the task was individualized and in the tutoring condition, the task was made in pairs. The results even so point that the peer tutoring can be effective in the improvement of the academic performance, although that is not applied for all of the children and the subject deserve more inquiry.

Keywords: School Inclusion. Peer Tutoring and Academic Performance.

* Professora Tatiani dos Santos - Universidade Federal do Paraná/UFPR.

** Professora Doutora Enicéia Gonçalves Mendes - Universidade Federal de São Carlos/UFSCar.

Introdução

A proposta de inclusão escolar, na Educação Especial, vem desde 1972, quando foi formulado o *princípio de normalização*, no qual se apregoava que todas as pessoas portadoras de deficiências têm o direito de usufruir de condições de vida o mais comum ou “normal” possível, na sociedade em que vivem (BATISTA; EMUNO, 2004). Assim, o conceito de inclusão remete a uma definição ampla, indicando uma inserção total e incondicional.

Isto requer que os educadores adaptem seus trabalhos, estratégias e objetos, bem como suas formas de organização dentro da sala de aula, uma vez que os métodos de instrução tradicionais não são suficientes para atender às necessidades de todos os estudantes em classes muito heterogêneas.

Erwin e Schreiber (1999) citam o relacionamento entre pares e a composição de grupos como exemplos de estratégias que promovem a participação da criança com necessidades educacionais especiais de modo ativo e/ou significativo na aula.

Este suporte social pode ser definido como um processo de troca social que contribui para o desenvolvimento de comportamentos individuais padrões, cognição social e valores (FARMER; FARMER, 1996). Uma das estratégias de suporte social é a denominada “Tutoria de Colegas”¹ que vem sendo atualmente sustentada por evidências empíricas, e já vem sendo sistematicamente adotada em escolas pautadas no princípio da inclusão escolar.

E é com base nessa estratégia e na falta de artigos dentro desta perspectiva no Brasil, que este trabalho objetivou investigar o procedimento de tutoria de colegas sobre o desempenho acadêmico de alunos com deficiência mental em classes comuns de pré-escolas. Para tanto, é realizada uma revisão bibliográfica acerca do tema, seguida da metodologia e apresentação dos resultados, e fechada com as conclusões e discussão final.

Referencial Teórico

O conceito de Tutoria de Colegas conforme definem Fredrickson e Turner (2003) envolve: *“a oferta de apoio dos próprios colegas para os estudantes com necessidades educacionais especiais, a fim de que se desenvolvam com sucesso em suas tarefas escolares”* (p. 239).

O “*Center for Effective Collaboration and Practice*” define a tutoria de colegas dentro da sala de aula como uma maneira para que os estudantes, na ajuda um a um, tenham bastante tempo para praticar e aprender. Neste centro, a tutoria de colegas é praticada dentro da sala de aula, onde todos os estudantes são pareados. Durante a tutoria, um estudante explica a tarefa para outro estudante, o estimula a responder as questões e dá *feedback* à outra criança.

A tutoria de colegas tem demonstrado ir muito além das tarefas acadêmicas, abrangendo também áreas como a de socialização. Mortweet e Utley (1999) consideram que ela vem preencher uma lacuna nas habilidades sociais de crianças com necessidades especiais, nas quais as relações de coleguismo podem ser particularmente problemáticas.

Os benefícios da tutoria não são resumidos apenas aos tutelados, pois como afirmam Gumpel e Frank (1999) os resultados de pesquisas sugerem que a tutoria de habilidades sociais pode beneficiar similarmente tutores e tutelados. Isto ocorre ainda que ambos os participantes da tutoria tenham déficits em habilidades sociais.

Outros benefícios da tutoria têm sido apontados na literatura. O estudo de Kamps *et al.* (2002), por exemplo, mostrou a generalização de habilidades de interação e de outros comportamentos em lugares em que não foram treinados diante de programas de tutoria.

Entretanto vários autores ressaltam que, subjacente à idéia de aluno-ajudando-aluno, deve existir suporte tanto administrativo quanto dos professores na forma de intervenção/mediação. Gartner e Riessman (1993) afirmam que o treinamento é essencial para que os tutores desenvolvam bem a tarefa.

Kamps *et al.* (2002) sugerem que os programas de tutoria incluam mediação social e acadêmica, grupos de colegas trabalhados em múltiplos lugares, recrutamento de novos colegas para generalizar os efeitos, modelação e reforçamento da mediação de colegas e pistas, argumento visual e técnicas de auto-administração para realçar as aquisições de habilidades sociais dos estudantes. Estes autores recomendam fortemente a incorporação de táticas de generalização, através da utilização de mediadores funcionais; de lugares naturais para a intervenção, das comunidades naturais de reforçamento para colegas e estudantes alvo, e diversificação dos treinos garantindo a variabilidade de lugares.

Além das responsabilidades dos adultos, os tutores têm algumas tarefas para cumprir, para colaborar na tutoria. González (2002, p. 247) afirma que ser tutor:

- *É uma função social e subsidiária, pois a escola é a primeira forma de socialização suprafamiliar;*
- *É uma função ética e política, pois tem a finalidade de promover a autonomia dos alunos em aspectos cognitivos e intelectuais, assim como o seu desenvolvimento moral e intelectual;*
- *É uma função docente e orientadora e é urgente conectar a escola com a vida, desenhar um círculo muito contextualizado, que sirva para resolver os problemas da vida cotidiana;*
- *É uma função legalmente reguladora, pois as*

funções dos tutores devem contemplar atividades de caráter geral (planificação, informação, organização, controle social e educativo); dirigidas aos alunos; dirigidas ao professor e dirigidas a família.

Enfim, as pesquisas têm demonstrado que crianças com desenvolvimento típico, no papel de tutoras podem ser mediadoras efetivas de intervenção, quando ensinam os tutelados a usarem estratégias sociais como manter contato visual ou ser responsivo com eles nos jogos que compartilham (ENGLISH, *et al.*, 1997).

Diversos estudos têm demonstrado que tutoria de colegas é uma estratégia funcional na inclusão, pois tem trazido benefícios tanto para os tutores quanto para os tutelados, que vão muito além das habilidades acadêmicas (FULK; KING, 2001; GUMPEL; FRANK, 1999; MAHEADY, SACCA; HARPER, 1998; VILLA ; THOUSAND, 1999).

Entretanto, a tutoria de colegas não é considerada uma estratégia que possa substituir os métodos de ensino tradicional, embora possa ser um suplemento efetivo para esses métodos, pois além de acomodar o aumento da diversidade de alunos, faz uso de umas das melhores fontes de ensino nas escolas – os próprios alunos.

Assim, embora se constate muitos estudos em outros países, no Brasil não foram encontrados estudos sobre as possibilidades desta estratégia para favorecer o desempenho de alunos com deficiências em classes heterogêneas. O presente estudo teve como meta investigar o efeito do procedimento de tutoria de colegas sobre o desempenho acadêmico de alunos com deficiência mental inseridos em classes comuns de pré-escolas.

Metodologia

Local

O estudo foi realizado em duas classes comuns de escolas públicas municipais de Educação Infantil de uma cidade de médio porte do interior de São Paulo. A seleção das classes foi baseada nos seguintes critérios: presença de uma criança com diagnóstico de deficiência intelectual ou de algum atraso desenvolvimental mais significativo e anuência de todos os envolvidos na pesquisa. Numa das escolas funcionou o chamado Grupo I, numa classe com 17 alunos da faixa etária de quatro anos. Na segunda escola funcionou o Grupo II, numa turma com 19 alunos com idade média de cinco anos.

Participantes

As crianças alvo foram:

Grupo I: uma menina com Deficiência Intelectual associada à condição de Síndrome de Down, de quatro anos de idade. A professora assim a des-

creveu “ela não fala, não tem muita concentração, não consegue permanecer nas atividades propostas e sempre demora mais que as outras crianças da sala para terminar as tarefas e as atividades”(sic)

Grupo II: uma menina de cinco anos que segundo a diretora “tem sido rejeitada pela sua mãe desde bebê” (sic). Na época ela morava com uma vizinha, tomava anticonvulsivante para evitar crises e fazia aulas de apoio em uma sala de recursos em outra escola. A professora assim se expressou sobre ela: “ela só frequenta a escola onde está inclusa para trabalhar a socialização” (sic).

Como tutores participaram outras seis crianças sem necessidades educacionais especiais, sendo três para cada criança alvo, e de mesma idade, que foram treinados no papel de colega tutor. As crianças foram escolhidas após uma apreciação informal da facilidade de interação, tentando mesclar meninos e meninas, considerando-se ainda a assiduidade crianças às aulas, interesse em ser tutor e anuência dos responsáveis.

Materiais

Para a realização das provas das habilidades de identificação e nomeação de letras foram confeccionados 46 cartões (dois conjuntos de cartões com as 23 letras do alfabeto). Esses cartões foram utilizados para a avaliação das fases de pré-teste e pós-teste, e os testes de sondagens, durante a fase de treino de tutoria.

Foram utilizados ainda dois jogos, sendo um deles de dominó que continha 23 peças, e cada uma delas com uma letra do alfabeto e uma figura com seu nome correspondente começando por uma das letras do alfabeto. O segundo jogo foi de bingo e continha 26 bolas brancas, onde foi desenhada em cada uma delas uma letra do alfabeto (incluindo as letras K, W e Y) que foram misturadas dentro de um saco durante a brincadeira. Foram confeccionadas também cartelas com os nomes das crianças e com palavras simples, que eram preenchidas com grãos de feijão.

Procedimento

A racional do estudo envolvia proporcionar dois tratamentos (treino com e sem tutoria), cuja ordem seria alternada nos grupos. O objetivo seria avaliar os efeitos da tutoria sobre o desempenho das crianças, com e sem necessidades educacionais especiais, em tarefas de identificação e nomeação de vogais.

O planejamento inicial trata-se de um delineamento experimental de linha de base múltipla envolvendo dois grupos: I e II (cada uma composto por um aluno com deficiência e três colegas tutores com desenvolvimento típico).

As etapas do estudo foram:

Etapa Preliminar – Condução dos procedimentos éticos.

Etapa I - Pré-teste da habilidade acadêmica de reconhecimento das letras do alfabeto:

Envolveu dois tipos de prova:

a) *Prova de identificação* – seqüência pré-determinada de cinco cartões, na qual a criança deveria identificar (apontando ou segurando) a carta nomeada.

b) *Prova de nomeação das letras* – seqüência pré-determinada de cinco cartões, na qual a criança deveria nomear a letra da carta apontada ou segurada.

Ao total, foram apresentadas 25 seqüências de cartões, onde cada vogal apareceu 5 vezes, sendo cada seqüência diferente da outra. As consoantes mudaram de posição conforme as vogais mudam de localização.

Etapa II – Ensino de habilidade de reconhecimento de letras sem (Grupo I) ou com (Grupo II) o apoio de tutores colegas através do jogo de dominó.

A atividade foi realizada dentro da sala de aula e os dois grupos passaram pela atividade de dominó que durou duas sessões. O Grupo I realizou a atividade proposta individualmente, ou seja, sem a tutoria de colegas, enquanto no Grupo II, as crianças eram colocadas em duplas. Os tutores do Grupo II foram treinados antes e durante a atividade, por meio de instrução verbal, simulação e *feedback*, para oferecer apoio para os alunos com necessidades educacionais especiais.

Etapa III - Teste de Sondagem 1 (S1) da habilidade acadêmica do reconhecimento das letras do alfabeto.

As crianças alvo dos dois grupos foram testadas através de provas de sondagem, nas mesmas tarefas da Etapa I (prova de identificação e nomeação), porém, com apenas 10 tentativas.

Etapa IV - Ensino de habilidade de reconhecimento de letras sem (Grupo I) ou com (Grupo II) o apoio de tutores colegas através do jogo de bingo.

Esta etapa foi idêntica a Etapa II, mas tendo como atividade o jogo de bingo, sendo que as crianças do Grupo I realizaram a atividade individualmente e no Grupo II as crianças foram pareadas.

Etapa V - Teste de Sondagem 2 (S2) da habilidade acadêmica do reconhecimento das letras do alfabeto.

A segunda prova de sondagem foi idêntica ao primeiro teste de sondagem realizado na Etapa III.

Etapa VI - Ensino de habilidade de reconhecimento de letras sem (Grupo I) ou com (Grupo II) o apoio de tutores colegas através do jogo de dominó e bingo.

Esta etapa foi semelhante ao treino das Etapas II e IV. A diferença residiu no fato que uma sessão foi realizada com a atividade de dominó e a outra com a atividade de bingo, respectivamente.

Etapa VII - Pós-teste das habilidades acadêmicas de reconhecimento de letras do alfabeto.

A tarefa de reconhecimento de letras foi retestada com os dois participantes com necessidades educacionais especiais e com dois dos tutores que participaram do pré-teste. As provas do pós-teste foram as mesmas utilizadas na Etapa I. A partir desta etapa, o experimento foi conduzido apenas com o Grupo II, em função da saída da criança alvo do Grupo I da escola, por motivo de mudança de cidade.

Etapas de VIII a XIII para o Grupo II

As Etapas de VIII a XIII, para o Grupo II envolveu a repetição do ciclo das etapas de treino com dominó (2 sessões), terceira prova de sondagem (S3), treino com bingo (2 sessões), quarta prova de sondagem (S4), treino com dominó (1 sessão) e bingo (1 sessão) respectivamente e por fim, o último pós-teste (2). Os procedimentos foram idênticos aos descritos nas Etapas de II a VII, com a diferença de que todas as sessões de treino foram feitas sem a estratégia da tutoria.

Estas etapas são resumidas no quadro a seguir:

Etapas	Grupo I	Grupo 2
Etapa I	Pré-teste	Pré-teste
Etapa II	Treino Sem Tutoria (Tarefa: Dominó)	Treino Com Tutoria (Tarefa: Dominó)
Etapa III	Teste de Sondagem 1 (S1)	Teste de Sondagem 1 (S1)
Etapa IV	Treino Sem Tutoria (Tarefa: Bingo)	Treino Com Tutoria (Tarefa: Bingo)
Etapa V	Teste de Sondagem 2 (S2)	Teste de Sondagem 2 (S2)
Etapa VI	Treino Sem Tutoria (Tarefa: Dominó/Bingo)	Treino Com Tutoria (Tarefa: Dominó/Bingo)
Etapa VII	Pós-teste 1	Pós-teste 1
Etapa VIII	Treino Com Tutoria (Tarefa: Dominó)	Treino Sem Tutoria (Tarefa: Dominó)
Etapa IX	Teste de Sondagem 3 (S3)	Teste de Sondagem 3 (S3)
Etapa X	Treino Com Tutoria (Tarefa: Bingo)	Treino Sem Tutoria (Tarefa: Bingo)
Etapa XI	Teste de Sondagem 4 (S4)	Teste de Sondagem 4 (S4)
Etapa XII	Treino Com Tutoria (Tarefa: Dominó/Bingo)	Treino Sem Tutoria (Tarefa: Dominó/Bingo)
Etapa XIII	Pós-teste 2	Pós-teste 2

Quadro 1. Esquema do delineamento experimental original do estudo.

Em média, foram realizadas duas sessões de treino por semana com cada um dos grupos, sendo que a coleta de dados teve a duração aproximada de um mês para o Grupo I e aproximadamente dois meses para o Grupo II.

Resultados

Os resultados apresentados correspondem aos dados quantitativos sobre o desempenho das crianças nos testes envolvendo as tarefas de identificação e nomeação de vogais, expressos pela porcentagem de acertos (razão entre as respostas corretas sobre o número de tentativas do teste). A Figura 1 sintetiza os resultados obtidos nas tarefas de reconhecimento e identificação de vogais do alfabeto, nas sessões de Pré-Teste (Pré), provas de sondagens após treino (Com e Sem tutoria), variando as atividades com dominó (S1 e S3) e bingo (S2 e S4) e no Pós-Teste, apresentados pelas crianças com necessidades educacionais especiais (crianças alvo) e seus colegas, nos dois Grupos (I e II).

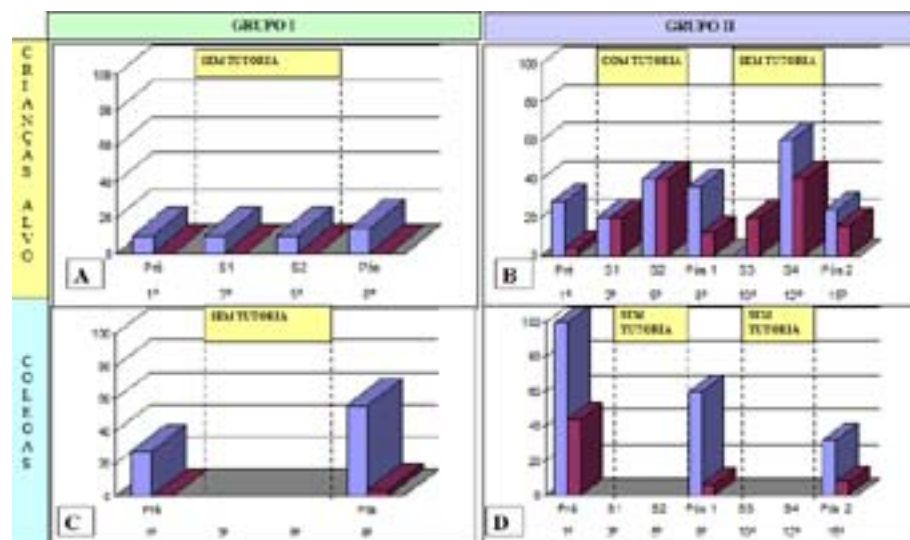


Figura 1. Porcentagem de acertos nas tarefas de reconhecimento e identificação de vogais do alfabeto, nas sessões de Pré-Teste (Pré), provas de sondagens após treino (com e sem tutoria), com atividades de dominó (S1 e S3) e bingo (S2 e S4) e no Pós-Testes, apresentados pelas crianças com necessidades educacionais especiais (criança-alvo) e seus colegas, nos dois Grupos (I e II).

Tomando por base o objetivo do estudo que foi avaliar o efeito da tutoria de colegas sobre o desempenho de crianças com necessidades educacionais especiais (NEEs), pode-se dizer que o treino das atividades realizadas

com tutoria (criança alvo do Grupo I na parte B da figura) produziu evidências de melhora no desempenho tanto nas tarefas de identificação quanto nas de nomeação, comparando-se exclusivamente os resultados do pré e pós-teste. Entretanto, os resultados nos testes de sondagem não confirmam tais evidências, pois nestes a mesma criança apresentou maior proporção de acertos ao longo do treino sem tutoria.

Comparando-se os dados das duas crianças com NEEs (parte A e B da figura) percebe-se que a melhora de desempenho foi mais evidenciada na criança que participou do treino com tutoria.

Através dos resultados obtidos com os participantes desta pesquisa é possível inferir que a tutoria parece afetar mais (positivamente ou negativamente) a tarefa de identificação, uma vez que as crianças submetidas à tutoria, tiveram uma melhora ou piora maior nos testes de reconhecimento de letras

Outra variável que pode ser isolada neste estudo é o efeito que diferentes tipos de atividades podem ter sobre o desempenho acadêmico. Quando a atividade de dominó e bingo são analisadas independentemente de estar associada à tutoria de colegas, observa-se que elas tiveram praticamente a mesma influência sobre o desempenho das crianças. Quando uma dessas atividades é associada à tutoria de colegas, o bingo de letras proporcionou o aumento no desempenho da criança alvo do Grupo II em ambos os testes, enquanto o dominó proporcionou o aumento da aprendizagem apenas para a nomeação das letras.

É possível verificar que houve uma melhora no rendimento acadêmico de ambas as crianças avaliadas no Grupo I, na tarefa de identificação de letras. Entretanto, na tarefa de nomeação de letras os dois participantes apresentaram pouco ou nenhum ganho até o final do treino.

No Grupo II, os resultados não foram similares para ambas crianças testadas e nem foram semelhantes a ascensão observada no desempenho em identificação do Grupo I. A criança controle deste grupo (o tutor) apresentou uma queda significativa em seu rendimento, tanto depois das atividades com tutoria quanto depois do treino sem tutoria. A criança alvo deste grupo apresentou melhora no seu desempenho após a fase de tutoria de colegas, mas manteve seu resultado praticamente estável ao final da fase sem tutoria.

No Grupo I é visível que a criança controle obteve uma melhora mais significativa do que a criança alvo. A criança alvo avançou apenas no reconhecimento das letras e permaneceu estável (não acertando o nome de nenhuma letra) na prova de nomeação. No entanto, no Grupo II colega tutor teve uma queda no desempenho em ambas as provas dos treinos com e sem tutoria. A criança alvo ao contrário, melhorou seu desempenho em ambas as provas e nos treinos com e sem tutoria, embora alguns desses resultados não sejam muito significativos.

A criança alvo do Grupo I não obteve nenhum progresso na nomeação de letras, não acertando nenhuma resposta desde o início do treino até o final. Na prova de identificação, ele permaneceu estável no pré-teste, sondas I e II e teve um aumento de 8% no número de acertos no pós-teste. Por outro lado, seu colega, que serviu como tutor, teve aumento no desempenho do pré para o pós-teste em ambas as provas (Identificação e Nomeação), sendo que seu desempenho foi maior no reconhecimento das letras.

Observando-se o resultado da criança alvo do Grupo II, após o treino com tutoria, pode-se perceber que ela apresentou uma melhora em ambas as habilidades acadêmicas testadas. Entretanto, após o treino sem tutoria, a criança apresentou um decréscimo no número de acertos na identificação de letras quando comparada ao pré-teste e ao pós-teste 1. Por outro lado, a criança obteve um aumento no seu rendimento na habilidade de nomear letras quando comparada ao pré-teste e ao pós-teste 1. Por fim, comparando o treino com e sem tutoria, pode-se inferir que o primeiro proporcionou um aumento mais efetivo nas habilidades que deveriam ser desenvolvidas por proporcionar um aumento na atividade de identificação e nomeação.

Em relação a criança controle que atuou como tutor os dados mostram um decréscimo significativo ao longo dos testes da Prova de Identificação, indo de 100% de acertos no pré-teste para 32 % no seguimento. Com relação à prova de Nomeação é observado que o tutor também apresentou um decréscimo no número de acertos, mas foi bem menor do que na Prova de Identificação.

Conclusão e Discussão

Os resultados indicam que a criança alvo do Grupo I apresentou uma melhora no rendimento acadêmico, mesmo não tendo passado pela tutoria de colegas. Isto mostra que há outros fatores favoráveis agindo sobre o desempenho escolar das crianças. O mesmo pode ser inferido para a criança controle desse grupo.

No Grupo II, pode-se dizer que a tutoria de colegas contribuiu para o aumento do rendimento acadêmico da criança com necessidades educacionais especiais nas atividades de identificação e nomeação de letras, embora elas tenham melhorado na identificação das letras, porque muito provavelmente esta é uma tarefa de mais fácil aquisição para o nível de desenvolvimento das crianças de pré-escola.

Um fato intrigante dos treinos com e sem tutoria aconteceu com a criança-controle do Grupo II que apresentou um decréscimo gradual no seu desempenho acadêmico nos treinos com e sem tutoria. Este resultado permite inferir que a tutoria nem sempre é efetiva para promover desenvolvimento acadêmico, pois podem existir fatores desfavoráveis na situação que prejudicam o desempenho da criança.

Este dado contradiz o que é encontrado na literatura, mas Macmaster, Fuchs e Fuchs (2002) explicam o fato explicando que embora existam evidências empíricas que sustentem o uso da tutoria de colegas para melhorar o rendimento dos estudantes, pesquisas são necessárias para determinar as condições sob as quais a tutoria de colegas é mais efetiva. Além de permitir a comparação da tutoria de colegas com outras intervenções já validadas empiricamente.

A forma como a intervenção foi feita também deve ser questionada. Quiocho (2002) aponta que conseguiu uma intervenção efetiva para o seu trabalho de tutoria quando começou a responder as seguintes questões: eu considero os pré-requisitos das habilidades das crianças? Eu estou monitorando suficientemente? Os estudantes entendem como as regras foram relacionadas com as habilidades sociais e tudo foi relatado trabalhando cooperativamente para realizar a tarefa determinada? Assim, talvez uma intervenção mais prolongada pudesse resultar num melhor rendimento das crianças.

Diante do desempenho desses quatro estudantes avaliados, foi possível verificar que o tema merece ainda muita pesquisa para aprofundar o estudo das variáveis positivas e negativas que influenciam na aprendizagem, e que uma análise qualitativa desses dados poderia contribuir na identificação delas. O presente estudo representou uma primeira aproximação à idéia de investigar as possibilidades de cooperação de colegas para favorecer a participação nas tarefas em sala de aula. Trata-se de uma pequena contribuição para um tema também que não tem sido investigado no país, principalmente utilizando metodologia experimental, em ambiente natural, integrada às atividades da sala de aula de pré-escola, que foi adotada na tentativa de produzir algum avanço na produção do conhecimento sobre a efetividade desta estratégia na realidade de pré-escolas públicas brasileiras.

Referências

BATISTA, M. W.; ENUMO, S. R. F. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. **Estudo de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 101-111, jan./abr. 2004.

CENTER FOR EFFECTIVE COLLABORATION AND PRACTICE. Disponível em: <<http://cecp.air.org/familybriefs/docs/PeerTutoring.pdf>>. Acesso em: 20 de mar. 2005.

ENGLISH, K.; GOLDSTEIN, H.; SHAFER, K.; KACZMAREK, L. Promoting interactions among preschoolers with and without disabilities: effects of a buddy skills-training program. **Exceptional Children**, v. 63, n. 2, p. 229-243, 1997.

ERWIN, E. J.; SCHREIBER, R. Creating supports for young children with disabilities in natural environments. **Early Childhood Education Journal**, v. 26, n. 3, p. 167-170, 1999.

FARMER, T. W.; FARMER, E. M. Z. Social relationships of students with exceptionalities in mainstream classrooms: social networks and homophily. **Exceptional Children**, v. 62, p. 431-450, 1996.

FULK, B. M.; KING, K. Classwide peer tutoring at work. **Teaching Exceptional Children**, v. 34, n. 2, p. 49-53, 2001.

FREDRICKSON, N.; TURNER, J. Utilizing the classroom peer group to address children's social needs: an evaluation of the circle of friends intervention approach. **The Journal of Special Education**, v. 36, n. 4, p. 234-245, 2003.

GARTNER, A.; RIESSMAN, F. Peer tutoring: toward a new model. **ERIC Clearinghouse on Teaching and Teacher Education**, v. 93, n. 2, p. 1-4, 1993.

GONZÁLEZ, E. B. Acción tutorial y atención a la diversidad. In: PALOMINO, A. S.; GONZÁLEZ, J. A. T. **Educación Especial**. Madrid: Pirâmide, 2002. Cap. 12, p. 239-259.

GUMPEL, T. P.; FRANK, R. An expansion of the peer-tutoring paradigm: cross-age peer tutoring of social skills among socially rejected boys. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 32, p. 115-118, 1999.

KAMPS, D.; ROYER, J.; DUGAN, E.; KRAVITS, T.; GONZALEZ-LOPEZ, A.; GARCIA, J.; CARNAZZO, K.; MORRISON, L.; KANE, L. G. Peer training to facilitate social interaction for elementary students with autism and their peers. **Exceptional Children**, v. 68, n. 2, p. 173-187, 2002.

MACMASTER, K. L.; FUCHS, D.; FUCHS, L. S. Using peer tutoring to prevent early reading failure. In: THOUSAND, J. S.; VILLA, R. A.; NEVIN, A. I. (Eds.). **Creativity and collaborative learning: the practical guide to empowering students, teachers and families**. 2. ed. Baltimore: Paul H. Brookes, p. 235-246, 2002.

MAHEADY, L.; SACCA, M. K.; HARPER, G. F. Classwide peer tutoring with mildly handicapped high school students. **Exceptional Children**, v. 55, n. 1, p. 52-59, 1998.

MORTWEET, S. L.; UTLEY, C. A. Classwide peer tutoring: teaching students with mild mental retardation in inclusive classrooms. **Exceptional Children**, v. 65, n. 4, p. 524-536, 1999.

QUIOCHO, A. M. L. Cooperative groups learning as a form of creativity. In: THOUSAND, J. S.; VILLA, R. A.; NEVIN, A. I. (Eds.). **Creativity and collaborative learning: the practical guide to empowering students, teachers and families**. 2. ed. Baltimore: Paul H. Brookes, p. 105-109, 2002.

VILLA, R.A.; THOUSAND, J. S. Colaboração dos alunos: um elemento essencial para a elaboração dos currículos no século XXI. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Tatiani dos Santos - Enicéia Gonçalves Mendes

Notas

¹ O termo "Tutoria de Colegas" foi traduzido da expressão "Class Wide Peer Tutoring - CWPT" encontrado na literatura científica de língua inglesa.

correspondência

Tatiani dos Santos - Rua Alberto Guerra, 215 Jardim Primavera - 16370-000 Promissão (SP).
E-mail: tatianiss@yahoo.com.br

* As autoras agradecem ao CNPq pelo apoio financeiro concedido na forma de bolsa de Iniciação Científica, e aos profissionais da escola de educação infantil e familiares das crianças que tornaram possível este estudo.

Recebido em 01 de junho de 2008

Aprovado em 03 de setembro de 2008